



UFSM

Artigo Monográfico de Especialização

**PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA ALUNOS COM DEFICIT
COGNITIVO INCLUÍDOS NO ENSINO REGULAR DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Valkiria Cruz Zaikoski

Encruzilhada do Sul, RS, Brasil

2010

PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA ALUNOS COM DEFICIT
COGNITIVO INCLUÍDOS NA REDE REGULAR DO ENSINO
FUNDAMENTAL

por

Valkiria Cruz Zaikoski

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial –
Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade
Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau **de
Especialista em Educação Especial.**

ENCRUZILHADA DO SUL, RS, Brasil

2010

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de
Especialização

PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA ALUNOS COM DEFICIT
COGNITIVO INCLUÍDOS NA REDE REGULAR DE ENSINO
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Elaborado por
Valkiria Cruz Zaikoski

como requisito parcial para obtenção do grau de

Especialista em educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Ms. Luciana Monteiro do Nascimento
(Presidente/Orientador)

ENCRUZILHADA DO Sul, RS, Brasil

2010

RESUMO

Artigo de Especialização

Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA ALUNOS COM DEFICIT COGNITIVO INCLUÍDOS NA REDE REGULAR DE ENSINO FUNDAMENTAL

AUTOR: VALKIRIA CRUZ ZAIKOSKI

ORIENTADORA: LUCIANA MONTEIRO

ENCRUZILHADA DO SUL/RS

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de cunho etnográfica, através de descrições das análises das entrevistas realizadas com os professores e observações realizadas em sala de aula. A intenção é analisar de forma crítica as práticas educativas desenvolvidas em sala de aulas que possuem alunos com déficit cognitivo e também a participação e envolvimento desses alunos nas atividades propostas durante a aula. O ensino lúdico e o trabalho em grupo como prática educativa são ferramentas valiosas e desafiadoras ao educador, oferecendo à criança uma aprendizagem ligada ao prazer e a interação, fortalecendo assim os planejamentos de adaptações curriculares necessários para que o aluno com déficit cognitivo seja trabalhado e avaliado conforme as suas potencialidades.

ABSTRACT

This article presents the results of a survey of ethnographic slant, through descriptions of the analysis of interviews with teachers and observations in the classroom. The intention is to critically examine the educational practices developed in the classroom with students who have cognitive impairment and also the participation and involvement of students in the proposed activities during class. The playful learning and group work as educational practice are valuable tools to educators and challenging, offering the child a learning linked to pleasure and interaction, thereby strengthening the planning of curriculum adaptation required for the student is working with cognitive impairment and evaluated according to its limitations

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	6
2. CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO.....	9
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
3.1. A trajetória histórica da deficiência.....	11
3.2. Construção da aprendizagem.....	12
3.3. Formação Pedagógica.....	14
3.4. O olhar do professor sobre o aluno com déficit cognitivo.....	15
3.5. Prática pedagógica.....	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
5. REFERÊNCIAS.....	29
6. ANEXOS.....	30

1. APRESENTAÇÃO

Há décadas buscam-se métodos e práticas educativas adequadas à realidade cultural e que correspondam a subjetividade das crianças incluídas com déficit cognitivo na rede regular de ensino fundamental.

Considerando que a Educação é direito de todos, elencados na Constituição Federal do Brasil, e do Estado do Rio Grande do Sul, Lei de Diretrizes e Bases Educação Nacional- LDBN 9394/96, Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, precisa-se pensar que a Escola não seleciona as crianças em função de suas diferenças, sejam elas orgânicas, sociais e ou culturais, sendo necessário romper com o pensamento que ainda hoje percebemos de “aluno padrão” e a suposição de que existe um único meio de ensino e aprendizagem para todas e diferentes crianças. Refletir sobre a educação inclusiva, e ver o aluno na sua singularidade é crucial para que se possa ter uma educação de qualidade.

As práticas educativas que contemplam o ensino lúdico e o trabalho em grupo têm um espaço privilegiado no desenvolvimento do aluno incluído. Deste modo, considera-se que deva ocupar lugar de destaque no planejamento do professor.

O presente artigo monográfico tem como tema práticas educativas para alunos com déficit cognitivo incluídos em salas regulares do ensino fundamental, enfocando o lúdico e o trabalho em grupo com estratégias importantes na construção do processo ensino e aprendizagem. O interesse em conhecer as práticas educativas utilizadas pelas professoras do primeiro e segundo ano do ensino fundamental, bem como se estas contemplam o aluno na sua singularidade, promovendo assim aprendizagem com qualidade, explica-se pela necessidade de atividades prazerosas e motivadoras. Por saber da importância do conhecimento do aluno incluído acontecer através da interação com os demais colegas, faz-se necessário investigar se os alunos com déficit cognitivo envolvem-se nas atividades proporcionadas pelo professor e se interagem no desenvolvimento das atividades propostas em sala de aula.

Para direcionar esta pesquisa, os objetivos são: investigar como o aluno com déficit cognitivo é percebido pelo professor; analisar o envolvimento dos alunos incluídos nas atividades que a professora propõe e identificar atividades que valorize o aluno como ser único e incomparável, assegurando assim a sua aprendizagem considerando as suas singularidades de aprendizagem. Estes objetivos foram

traçados baseados nas hipóteses de que nenhum aluno é igual ao outro, portanto práticas educativas para uma sala de aula “padrão”, ou seja, desenvolvendo ações igualitárias pode privar a participação efetiva nas atividades propostas, comprometendo a construção do conhecimento.

Acredita-se que as práticas educativas que envolvem a ludicidade, favorecem a aprendizagem do aluno com déficit cognitivo, pois aprendem com prazer e interagem motivados, o que parece ser muito importante, pois as aulas precisam ser interessantes, já que o mundo que os cerca é repleto de novidades.

2. CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO

Foi realizada uma pesquisa de cunho etnográfico, envolvendo três professores que atuam como regentes: duas professoras do primeiro ano e uma professora do segundo ano do ensino fundamental de Escola Estadual de Ensino Fundamental, no município de Encruzilhada do Sul, no ano de 2010, constando de uma ficha de observação e de um questionário com questões abertas e fechadas que foram analisadas e registradas numa abordagem descritiva seguidas de discussões.

O foco do questionário é uma investigação sobre como o aluno com déficit cognitivo é visto pelo professor, sua formação profissional também sobre sua prática pedagógica. A ficha de observação teve como ponto crucial o envolvimento dos alunos nas atividades desenvolvidas.

A pesquisa etnográfica visa envolver uma preocupação em pensar o tema em estudo num contexto amplo, sendo que o pesquisador realiza o trabalho pessoalmente através da observação direta na sala de aula e também na aplicação do questionário nos professores.

Busca-se através das leituras realizadas analisar de forma crítica a inclusão de atividades lúdicas como uma prática educativa e também o trabalho em grupo como ferramentas valiosas que auxiliam na aprendizagem. As práticas inclusivas precisam ser analisadas tendo em vista o aspecto positivo que favorece a integração do aluno na sociedade e também o aspecto negativo, este representado pela exclusão dentro da sala de aula, ressaltando que o educador acaba ficando inseguro ao receber o aluno especial por falta de preparação e qualificação para desenvolver uma prática que contemple a todos.

O ensino lúdico pode oferecer à criança uma aprendizagem ligada ao prazer e a interação, sendo um desafio para o professor criar momentos durante o desenvolvimento da aula que oportunize essas atividades em grupo e também lúdicas, desde que os objetivos para as mesmas estejam bem claros no planejamento.

Com base nos estudos e pesquisas realizadas sobre o tema, embasados no pensamento de vários autores como: Bautista, Vygotsky, Libâneo, Mantoan, Gadotti,

Garcia, Vasconcellos...dentre outros, não há dúvidas de que as atividades grupais e lúdicas incluindo os jogos e brincadeiras têm importância fundamental para o desenvolvimento mental e físico da criança, auxiliando na construção do conhecimento e na socialização, englobando aspectos cognitivos e afetivos. É responsabilidade do professor motivar as suas aulas, tornando-as atrativas e prazerosas, preparando o indivíduo para se constituir um sujeito capaz, crítico de suas próprias ações e do meio em que vivem.

Mesmo frente a todas as conseqüências resultantes do estudo das práticas educativas é notável o interesse por parte dos professores em atender o aluno na sua individualidade, embora as condições de trabalho e falta de material didático dificultam o trabalho, mesmo assim são encorajados a enfrentar os desafios que os alunos apresentam.

Para um melhor entendimento foi necessário especificar a pesquisa em subtítulos que são: a trajetória histórica da deficiência, a construção da aprendizagem, a formação pedagógica, o olhar do professor sobre a criança com déficit cognitivo e práticas pedagógicas visando a importância da aceitação e estímulo das amizades envolvendo os alunos com déficit cognitivo incluídos na rede regular de ensino.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA DEFICIÊNCIA:

As crianças possuem características próprias, isto implica em oferecer uma educação baseada em condições de aprendizagens que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando ampliar e enriquecer as capacidades das mesmas. Ao professor cabe o comprometimento de procurar individualizar as situações de aprendizagens oferecidas às crianças, considerando aspectos afetivos, emocionais, sociais e cognitivos, tendo como ponto de partida para sua ação educativa os conhecimentos que elas possuem, advindas das mais variadas experiências familiares. Ser observador é o papel fundamental do professor, não deixando nenhum aluno sem abranger com esse olhar, sentindo-se incomodados com as situações que são encontradas nas salas de aula e a partir dessas realidades fazer indagações sobre as práticas educativas que adota tentando oportunizar a todos o conhecimento. É preciso ter boa vontade, dedicação e acreditar no potencial individual do ser humano que é único e incomparável.

O aluno com déficit cognitivo nem sempre teve a atenção e respeito merecido, por muito tempo foram excluídos do convívio social. A inclusão desses alunos ainda hoje provocam vários questionamentos entre os educadores.

Esses alunos caracterizam-se por apresentar um funcionamento intelectual abaixo do considerado normal, relacionado com a capacidade do aluno em corresponder aos padrões da sociedade no que diz respeito a comunicação, cuidados pessoais, habilidades sociais, desempenho na família, independência e locomoção, saúde e segurança, desempenho escolar, lazer e trabalho.

Bautista conceitua déficit cognitivo como:

(...) o individuo que tem uma maior ou menor dificuldade em seguir o processo regular de aprendizagem e que por isso tem necessidades educativas especiais, ou seja, necessita de apoios e adaptações curriculares que lhe permitam seguir o processo regular de ensino.
(1997, p. 211)

O processo de reconhecimento das pessoas com deficiência na sociedade apresenta um histórico de exclusão, segregação institucional, integração e recentemente de inclusão.

Na antiguidade as pessoas com deficiência eram abandonadas, eliminadas ou sacrificadas, sendo valorizada apenas a perfeição do corpo.

Na idade média a pessoa com necessidade especial era visto como alguém que espiava um pecado ou como alguém que precisava de caridade, isto amparados pelos princípios da igreja. Quem nascia com alguma deficiência era porque estavam representando um castigo, uma culpa ou mandado pelo demônio. Eram rejeitados ou protegidos, sacrificados ou excluídos do convívio social.

Através do cristianismo as pessoas com deficiência começaram a terem atendimento assistencial em conventos e em igrejas, porém estas instituições isolavam e os escondiam da sociedade.

Na idade moderna, o ser humano começa a ser valorizado e lentamente inicia-se o processo de aceitação e descoberta das qualidades individuais das pessoas com deficiência, estando ligada a conquista dos direitos humanos. Iniciam-se estudos em torno das tipologias de deficiências, podendo ser tratado com medicação e tratamento.

Na idade contemporânea a pessoa com deficiência precisava tornar-se produtiva para a sociedade e incluída no mercado de trabalho, surgindo a organização de serviços para atender essa pessoas, começando então a serem mostrados na sociedade e conseqüentemente aceitos como seres capazes de desempenhar funções dentro de suas limitações. #Como pode-se observar, a sociedade já está sendo chamada a perceber que discrimina, segrega e exclui, com bases em regras de normalidade. Deste forma, a inclusão apresenta-se como um desafio maior para a escola, pois, a opção de construir uma sociedade para todos, reflete-se nela de forma especial, pelo seu compromisso enquanto agente de transformação social, o que torna um dos instrumentos mais importantes no processo de construção de uma sociedade inclusivista para todos e, portanto, mais justa, mais humana e solidária.

3.2 CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM

Desde que a criança nasce está inserida em um contexto social. Os adultos que convivem com ela, quando se transformam em parceiros de seus jogos e brincadeiras, muitas vezes não se dão conta da importância de cada gesto, de cada palavra, de cada movimento, desconsiderando que essas atitudes são formas privilegiadas de aprendizagem.

Libâneo afirma que: “Atender a diversidade cultural implica, pois, reduzir a defasagem entre o mundo vivido dos alunos, bem como promover, efetivamente, a igualdade de condições e oportunidades de escolarização a todos.”(1998, p.42).

O professor precisa refletir ao elaborar o seu planejamento, pensando sempre na possibilidade do aluno realmente aprender, utilizando maneiras diferenciadas, maximizando o uso do lúdico no seu planejamento diário, tendo em vista que cada aluno é um ser único e não pode ser comparado a nenhum outro. Vygotsky diz que o sujeito não é apenas um ser ativo, mas interativo, porque constitui conhecimento e se constitui a partir das relações intra e interpessoais.(1981)

Acredita-se que é através do relacionamento com o outro e consigo próprio que o aluno aprende. Por isso a importância de oportunizar aos alunos trabalhos em grupo, que favoreçam a troca de ideias, diferenciadas técnicas pedagógicas em sala de aula visando a discussão entre os alunos para que concluam no grupo e após também individualmente, construindo assim o conhecimento proposto no planejamento. É preciso desafiá-los a trabalhar na zona de desenvolvimento potencial, transformando esses conhecimentos em conhecimentos reais. A flexibilidade é um fator que contribui para o rompimento das barreiras de aprendizagem. O professor deve ter a sensibilidade de modificar planos e atividades à medida que as reações dos alunos vão oferecendo novas pistas. Para romper com essas barreiras é preciso repensar as estruturas tradicionais das escolas, as quais estimulam a transmissão, reprovação e a evasão de alunos que apresentam déficit cognitivo. Pressupõe também pensar em todos os alunos como seres em processo de crescimento e desenvolvimento, que vivenciam o processo de ensino-aprendizagem de maneiras diversas, seja por diferenças individuais, seja por seus interesses e motivações.

Considerando que aprendizagem se dá através da interação com , partindo de uma necessidade do ser que está interessado em aprender e também por motivação feita por alguém, Kamil e Constance dizem que:

“Crianças devem ser encorajadas a usar a sua iniciativa e inteligência em atividades, manipulando o mundo exterior, porque é somente pela troca direta com a realidade que desenvolve a capacidade biológica da inteligência.”(1991, p.20)

As atividades lúdicas e o trabalho em grupo promovem o prazer em interagir de forma desafiadora, despertando na criança com déficit cognitivo a confiança quanto a sua capacidade de encontrar soluções, levando as suas próprias conclusões. Através dessas atividades podem ser incorporados os valores morais e culturais, visando a cooperação e a construção de uma aprendizagem significativa que certamente conduzem a imaginação, a criatividade e a criticidade, preparando as crianças para a vida, assimilando a cultura em que vivem, adaptando-se às condições que o mundo lhes oferece, aprendendo a competir, cooperar com seus semelhantes e a conviver como um ser social.

O importante é quando a criança participa de uma atividade lúdica e ou de um trabalho em grupo, cria uma relação entre parceiros e grupos, e, nestas relações, observa-se a diversidade de comportamento das crianças para construir estratégias para a vitória, como também aprender a aceitar a derrota.

3.3 FORMAÇÃO PEDAGÓGICA:

O professor é considerado como uma das condições básicas para o funcionamento da escola. Para isto é crucial que o profissional da educação reelabore conceitos que estão internalizados referente a presença de aluno com déficit cognitivo na sala de aula regular, garantindo uma aprendizagem significativa, visto que nesta perspectiva todos podem aprender, respeitando a autonomia intelectual de cada aluno.

A formação dos professores visa garantir o atendimento às necessidades específicas de cada criança, jovem e ou adulto, incentivando o desenvolvimento do seu potencial a partir do conhecimento da realidade. Deve apropriar-se de uma consciência crítica sobre a realidade de sala de aula e fundamentação teórica que lhe ofereça condições para a eficiência da ação pedagógica.

Mantoan (1997, p.120) diz que: “O princípio democrático de educação para todos só se evidencia nos sistemas educacionais em todos os alunos e não apenas em um deles.”

É preciso que os professores busquem novos conhecimentos além dos que receberam nos cursos de formação para o magistério, embasando-os teoricamente no que se refere a inclusão dos alunos com necessidades especiais nas salas regulares. Alimentar a cultura de que dedicar-se à docência representa seguir um

programa de estudo permanente, atualizar-se sempre na tentativa de promover uma educação com qualidade.

É fundamental que o profissional docente também esteja capacitado a fazer parte do mundo globalizado e a formação tecnológica adquire valor importante na mediação do processo de ensino e aprendizagem e também no desenvolvimento de habilidades importantes para que ele participe da sociedade do conhecimento. No momento atual é preciso concordar que apesar do avanço tecnológico, a importância do papel do professor deve ser valorizado, pois só eles terão a coragem de desafiar o ensino excludente que hoje é percebido nos sistemas de ensino.

É necessário conhecer a formação dos entrevistados para a realização desse estudo. Isso possibilita uma profunda análise que certamente refletirá na prática pedagógica.

Observa-se que apenas um professor possui graduação, este dado mostra que não há uma busca por uma qualificação a nível superior, o que certamente ajudaria a desenvolver uma prática mais eficiente, considerando que sempre temos algo a aprender e buscar embasamento teórico fortalece a prática de sala de aula.

Gadotti afirma que: “ Não basta sermos competentes para que sejamos educadores. Portanto, a formação do educador se dará de uma sólida formação política e social.” (2000b, p.21).

Os professores, graduados ou não participam de cursos de atualização, já que a educação também está em mudanças constantes e o profissional precisa acompanhar essas mudanças para desenvolver uma prática educativa eficiente e com qualidade, acompanhando os interesses e necessidades dos alunos que estão esperando por uma prática motivadora que resulte em aprendizagem.

Conforme Queiroz:

Precisamos nos atualizar, tomar consciência das mudanças que realizam sob nossos olhos mas que muitas vezes não queremos enxergar, porque, se enxergarmos, vamos ter que mudar, inovar, ler, pesquisar, buscar constantemente. (2001,p.21)

3.40 OLHAR DO PROFESSOR SOBRE O ALUNO COM DÉFICIT COGNITIVO

O professor cria expectativas em relação aos seus alunos incluídos. Ela espera realizações e comportamentos específicos; devido a essa expectativa o professor se comporta de maneira diferente em relação a eles, influenciando nas realizações, afetando a motivação de desempenho dos alunos.

É preciso acreditar no potencial do aluno com déficit cognitivo, eles são capazes de aprender e desenvolver habilidades que as levem a construção da cidadania. Coll(1996) chama a atenção sobre a importância de acreditar no aluno, com a citação:

[...] a representação que o professor possui de seus alunos, o que pensa e espera deles, as intenções e capacidades que lhes atribui, não somente é um filtro que o leva a interpretar de uma ou de outra maneira o que fazem, mas que pode chegar, inclusive, em certas ocasiões, a modificar o comportamento real dos alunos na direção das expectativas associadas a tal representação. (p.266)

Todos os alunos têm direitos a estarem na escola, ao professor cabe se questionar sobre qual a concepção de aprendizagem possuem sobre os alunos com déficit cognitivo e direcionar o seu olhar para estas crianças para que elas se sintam capazes de aprender e valorizadas nas suas ações escolares.

O professor é agente de transformação, precisa compreender como os alunos constroem conhecimento e também como podem favorecer o processo dessa construção, valendo-se de metodologias que favoreçam no aluno o seu pleno desenvolvimento.

Segundo os professores os alunos são atendidos conforme as necessidades, oportunizam atividades lúdicas e em grupos, respeitando sempre as suas limitações. Apresentam-se em um número reduzido nas salas de aula e devido a participação em cursos sobre a adaptação curricular conseguem organizar o desenvolvimento das suas aulas contemplando a todos. Baseado nessas informações os alunos recebem um ensino que incentiva a curiosidade e ao desenvolvimento da criatividade.

Segundo Craidy e Kaercher,

A criança se expressa pelo ato lúdico e é através deste que a infância carrega consigo as brincadeiras que perpetuam e renovam a cultura infantil, desenvolvendo formas de convivência social,

modificando –se e recebendo novos conteúdos, afim de renovar a cada nova geração. É pelo brincar e repetir a brincadeira que a criança sempre saboreia a vitória da aquisição de um novo saber fazer algo, incorporando-o a cada novo brincar. (1998, p.32)

Os alunos com déficit cognitivo recebem orientação individual do professor e são agrupados com os demais colegas para socializar as aprendizagens.

Conforme observação realizada nas turmas de primeiro e segundo ano do ensino fundamental, norteadas por questões que constam na ficha de observação , pode-se constatar que os alunos incluídos com déficit cognitivo repetem a mais de um ano a mesma série/ano. Observa-se que isto acontece devido a falta de planejamento em nível de escola, pois somente no início deste ano é que a coordenação pedagógica se reuniu com os professores para discutir e organizar um plano de adaptação curricular, que certamente os alunos serão atendidos conforme a sua necessidade uma vez que estão incluídos e precisam ser trabalhados e avaliados de acordo com suas limitações.

Nota -se que as atividades lúdicas são bem aceitas por todo o grupo e os alunos com déficit cognitivo realizam com interesse, conseguindo assimilar o conteúdo proposto na atividade.

Em alguns momentos da aula as atividades são padronizadas, ou seja, iguais para todos, o que dificultam a realização pelo aluno incluído, necessitando muitas vezes da ajuda do professor ou simplesmente realizam a cópia da correção no quadro e leva-nos a questionar a aprendizagem.

Os alunos incluídos sentem-se aceitos pelos colegas e valorizados pela professora. Participam com interesse das atividades que lhes são oferecidas e a professora procura motivá-los quanto a capacidade para realizar as atividades. Utiliza material variado e também realizam atividades na sala digital, sendo a informática uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento dos alunos que apresentam déficit cognitivo. Trabalham bastante no grupo, mas também recebem atividades que precisam ser realizadas individualmente.

3.5 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Conforme a observação realizada pode-se perceber que os professores apóiam-se mais em atividades construtivistas, pois conseguem assim contemplar

todos os seus alunos, visto que as turmas são compostas por seres diferentes na sua individualidade, reforçando também o uso do lúdico na construção do conhecimento.

O professor sente maior segurança no desempenho de sua função, proporcionando momentos em seu planejamento em que o aluno interaja com os que o rodeia e também atividades que exijam uma concentração individual.

Acredita-se que a sala de aula seja um espaço privilegiado de análise discussão e reflexão da realidade, com o objetivo de buscar soluções para promover a aprendizagem. Importante a citação de Menegolla e SantAnna que diz: “ O importante é que o plano sirva para o professor e para os alunos. Que ele seja útil e funcional a quem se destina objetivamente, através de uma ação consciente, responsável e libertadora.” (1991, p.47)

Hoje, a conscientização de que a aprendizagem acontece socialmente, que não se aprende sozinho, isolado, e que alunos, professores, escola tem que estarem juntos, faz com reflita-se sobre a necessidade de proporcionar atividades significativas a todos os alunos, destacando o lúdico como uma proposta possível em sala de aula, não como uma atividade única e suficiente, mas como um dos recursos que conduzem a aprendizagem. Garcia afirma que:

A maior dificuldade é planejar a aula de forma a interessar a todos. Por isso é tão complicado criar um clima de aprendizagem. Isso acontece porque a motivação não é apenas algo natural, mas depende de fatores externos. (2000, p.35)

Através das atividades lúdicas pode se qualificar o processo de aprendizagem para aqueles alunos que apresentam limitações, pois pode conjugar prazer com êxito na aprendizagem, visto que sabe-se que para aprender algo, é preciso interesse e isto só acontece se a criança for motivado o suficiente, despertando assim o desejo em aprender.

É preciso que o professor planeje suas aulas levando em consideração os interesses e necessidades de sua classe, pois sabe-se que vivemos em uma época de profundas e significativas mudanças, é preciso de alguma forma tornar as aulas interessantes. O professor dispõe hoje de uma tecnologia avançada, sendo preciso estar atualizado e consciente de que se faz necessário saber usar a mesma. Esta

tecnologia deve ser usada como uma ferramenta a mais para enriquecer e motivar os alunos na aprendizagem. A informática pode ser usada sempre desde que tenha objetivos claros quanto aprendizagem desejada. Cabe ao professor ter uma postura mais democrática, planejando as interferências necessárias e adequadas em cada etapa do processo de construção do conhecimento, levando o aluno a desenvolver a sua autonomia , sem medo de errar. Desta forma certamente o clima será de respeito na sala de aula, permitindo diálogo, o estabelecimento de regra nas atividades propostas que levem aos alunos refletirem a respeito de suas atitudes em todos os momentos da realização das atividades. “As exigências são outras e o papel do professor é adaptar: deixar de ser um selecionador para tornar um gesto de conhecimento”.(Gadotti, 2000, p.22)

É preciso conquistar a confiança do aluno, assim ele sentirá que o professor quer mesmo que ele aprenda. É importante que o professor acredite que para tornar-se um gestor do conhecimento, terá que sair do comodismo, esquecer as atividades prontas e acabadas e passar a buscar uma fundamentação teórica que os encoraje a libertar-se do que já esta pronto e passe a pensar mais na necessidade e interesse do seu aluno, enfim tornar-se um ser pesquisador.

Para que a aprendizagem aconteça é preciso um professor com determinação, comprometido com o aluno e que tenha uma referência teórica para que possa mediar a mesma com segurança e responsabilidade, sendo que a efetivação desta só ocorre a partir da necessidade do ser que está interessado em aprender(fatores internos) ou por motivação feita por alguém (fatores externos). Santos coloca que:

Ocorre que muitos professores planejam as atividades apenas de acordo com o seu ponto de vista, sem definir os desafios a partir das perspectivas da classe. Uma boa dica é inverter os papéis. Se o educador descobrir o que a classe quer, com certeza vai atrair a sua atenção. (2000, p. 35)

Normalmente vemos, professores elegendo conteúdos e informações que consideram próprios para cada idade ou série, desconsiderando que as crianças têm acesso irrestrito, pela mídia, meios eletrônicos e pelo convívio familiar e social as mais diversas informações. Nota-se uma imensa preocupação em vencer os

conteúdos determinados pela escola em consonância com o professor, e fica no esquecimento ou em segundo plano as manifestações e interesses dos alunos.

A produção do conhecimento dá saltos e o processo de memorização e acúmulo de informações que já foi de discutível utilidade em épocas anteriores, não se mostram mais adequadas para darem conta das revoluções diárias que são produzidas pela tecnologia, informática e os diferentes jogos existentes.

O professor precisa repensar a sua prática pedagógica, procurando uma maneira de atender as perspectivas dos seus alunos ligados aos conteúdos que precisam desenvolver. É preciso conscientizar-se que aprendizagem não ocorre somente dentre de quatro paredes, muitas vezes num passeio, numa brincadeira onde tenha a oportunidade de socializar os conhecimentos do seu contexto de vida poderão chegar a construção do tema proposto pela professora.

Na escola, por meio do planejamento, o professor propõe situações lúdicas, nas quais a criança poderá reelaborar os conceitos já formulados conforme a sua vivência social. A sala de aula adquire o caráter de espaço de interações, onde todos podem levantar hipóteses e, nas negociações com os parceiros, se percebem como partes de um processo dinâmico de construção.

Nota-se que não se pensa em um processo de ensino e aprendizagem no qual “cada um faz o que quer” já que todos podem e devem opinar. E mesmo que a aula tome rumos diferenciados em função das expectativas e interesses dos alunos, o professor será o mediador das construções.

Vasconcellos diz que:

O sentido do planejamento está em ajudar a sofrer menos; (...) descobrir e ocupar o espaço de autonomia relativa; realizar mais, resgatar a potência, a alegria; qualificar o trabalho(a educação é importante demais para ser feita na base do improvisado ou da mera repetição) (2005, p.14)

É preciso repensar a escola, rever conceitos, metodologias e flexibilizar os planejamentos, organizando uma prática qualificada que atenda a necessidade de todos, assumindo assim, o professor como agente de transformação, consciente da necessidade de aperfeiçoamento pessoal e profissional.

Marques coloca que “a criança com deficiência fosse estudada numa perspectiva qualitativa e não como uma variação quantitativa da criança sem deficiência” (2001, p.85)

Com esta afirmação acima citada entende-se que o aluno com deficiência possui um desenvolvimento singular e precisa ser trabalhado visando superar o déficit . Assim não é considerado inferior aos demais colegas, apenas apresenta condições de aprendizagem diferentes e únicas. Pode o ambiente escolar ajudar ou inibir o desenvolvimento do mesmo quanto a realização das atividades.

O educador que realiza seu trabalho pedagógico na perspectiva lúdica, observa através do envolvimento nas atividades o desenvolvimento da criança e faz disto um meio para reelaborar seus pensamentos e definir novas propostas de trabalho. Desta forma, certamente o barulho gerado pelo o envolvimento nas atividades lúdicas não o incomodará, pois não exige hegemonia de silêncio na sala de aula.

Perrenoud colabora com a seguinte citação:

O professor pode planejar, preparar o seu roteiro, mas continua havendo uma parte de “aventuras” ligada aos imprevistos que têm origem nessas ações em andamento e no desconhecido proveniente das reações dos alunos. (2001, p.26)

Muitas vezes, o planejamento levado para sala de aula, não está suficientemente de acordo para despertar na criança o interesse em aprender. Por esta razão, ele é flexível, para atender os anseios da classe. Quando isto acontece, o professor deve ter muita sensibilidade e respeito às individualidades e tem a obrigação de tornar essa aula mais agradável.

Para que realmente haja participação é preciso diversificar as atividades, incluindo a ludicidade. Desta forma, o educador observa a criança interagindo e passa a entender o que passa na sua cabecinha, compreendendo melhor o seu mundo e suas necessidades.

Entende-se que a escola é o lugar em que todas as crianças devem ter as mesmas oportunidades, mas com estratégias de aprendizagens diferentes. É necessário parar de privilegiar determinadas qualidades como “aluno mais rápido é o melhor”. As crianças são resultados de suas experiências . Para compreender o seu

desenvolvimento é preciso conhecer o espaço em que elas vivem, a maneira como constroem seus significados.

Então, existem variados tipos e estilos de aprendizagens em sala de aula, uns mais inibidos, outros mais agitados, não há tipo certo ou errado, o que é preciso é respeitar as diferenças e derrubar os modelos de outras realidades.

Silveira e Vargas afirmam que:

O desenvolvimento de uma política cultural de alfabetização e de uma pedagogia adequada torna-se, pois, um ponto de partida importante para possibilitar dos que têm sido silenciados ou marginalizados pelas escolas, pelos meios de comunicação, pela sociedade, novas formas de encontrarem seus aspectos de participação.(1993, p.51)

Antigamente valia apenas o ensinar, hoje a ênfase, está no aprender, isto evidencia que o professor deve analisar a sua prática pedagógica, avaliando a sua metodologia, se esta realmente promove a aprendizagem levando em consideração àqueles que não têm acesso, por motivos variados a este mundo encantador de avanços tecnológicos. Sabe-se que atualmente as escolas, na sua maioria, possuem salas digitais que podem ser utilizadas pelo professor sempre que acharem necessário e o uso dos softwares educativos é mais um recurso metodológico que a tecnologia nos coloca a disposição, visando promover aprendizagem. Assim o professor deixa de ser aquele que passa as informações, numa parceria com os alunos prepara todos para que elaborem o seu conhecimento. Em vez de despejar conteúdos à classe, ele pauta o trabalho baseando-se no desenvolvimento de formas de aplicar esse conhecimento construído através das informações adquiridas através de pesquisa.

Rodrigues afirma que:

(...) os professores são pessoas preparadas para o exercício da função educativa, sendo, portanto, capazes de pensar, propor e fazer. (...) os alunos são seres sociais que vivem uma experiência de vida, estando na escola para serem preparados para o exercício da cidadania: são pessoas capazes também de pensar e fazer. Ora, essas considerações são importantes para que pensemos na necessidade de garantir aos professores e alunos a utilização plena de sua capacidade de pensamento e ação. O professor não pode

assumir a postura de que o educando é incapaz de pensar e criar, impedindo-o de exercitar essas atividades vitais e necessárias. (1985, p.87)

Como mostra o pensamento do autor, é crucial a preparação dos docentes no sentido de valorizarem suas capacidades, bem como a de seus alunos, podendo ser desenvolvida e aprimorada através das reflexões em grupos de estudo na escola, visando o desenvolvimento de ações educacionais que estimulem os estudantes na busca de novos conhecimentos, despertando neles a curiosidade, o espírito de investigação e de produção.

Supõe-se que a formação e qualificação seja um desejo realizado dos professores, que estes busquem uma atualização constante, pois ele será sempre um aprendiz, o que leva ao desenvolvimento de uma prática coerente, consciente de que não é mais possível rotular uma criança, inibindo-a até mesmo de sentir-se como sujeito capaz de pensar e agir. Por isso acredita-se que quando o profissional da educação confiar no seu potencial, que é preciso livrar-se da massa de conteúdos desnecessários impostos pelo sistema, que muitas vezes não levam a aprendizagem, ele confiando nas suas ações, substitua por atividades agradáveis, que geram interesse e motivação, como o lúdico, com objetivos claros para seu desenvolvimento, certamente a conclusão será de sucesso incomparável, capaz de fazer que ignore a existência daqueles exercícios prontos, xerocados e ou simplesmente copiados de livros.

O profissional consciente de seu papel e na capacidade do seu aluno, torna-se um sujeito interessado em ampliar o seu referencial teórico, um pesquisador que esta cada vez mais interessado em descobrir novidades para enriquecer suas aulas, promovendo uma aprendizagem eficiente e de qualidade.

Muitas vezes, a escola transforma o professor num profissional que vive numa situação de amarguras e descontentamentos, pois nem ela tem bem claro quais os verdadeiros objetivos, por ser um fator de produção de uma programação social nacional.

Não basta hoje, um trabalhador em educação, apenas a detenção do conhecimento para transmitir a alguém; é preciso compreender, ser capaz de reorganizar, de reelaborar e transpô-lo em situação em sala de aula.

Para exercer a função de docente é necessário uma reflexão sobre o seu papel na sociedade e obter consciência que a prática pedagógica tem uma

dimensão transformadora. O docente precisa rever constantemente a sua concepção de homem, de mundo, pensar no papel do aluno perguntando-se que cidadão quer formar, com a consciência de que cada ser é único e que possuem capacidades e limitações.

A sala de aula é um espaço para aprender e o educador tem que perceber que não pode igualar de um modo bem simplista as características individuais de cada ser humano. Para propiciar o aprendizado do aluno, é fundamental ter uma visão integral do mesmo, que engloba o cognitivo, afetivo, motor e intelectual, não esquecendo esses aspectos na ação didática-metodológica.

Saber ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face a tarefa que tenho – a de ensinar e não transmitir conhecimento. (Freire, 1996, p.52)

A citação do autor traz uma visão de que o professor tem que ter a consciência de que é um ser humano com história, com pensamentos, sentimentos, idéias, motivações, crenças, possibilidades e também limitações e, no processo educacional se relaciona com as mais diversas histórias de vida. Nesta relação está o cerne do processo educacional que pressupõe a aceitação consciente de limites e capacidades e todos interagem com vistas ao desenvolvimento, à transformação e a criatividade. Ensinar é um processo de interação, que implica principalmente o desenvolvimento das relações professor/aluno e aluno/aluno.

Ao admitir o processo educativo como uma relação de seres humanos que aprendem através de trocas e que todos são sujeitos do ato de educar, o professor compreende que sua ação é de diálogo, logo sabe seu dever de escutar, além do direito de falar. Lima salienta que:

Quando um professor propõe uma tarefa em sala de aula, formula um projeto, discute um assunto com seus alunos, ele não está meramente dando uma aula, cumprindo um currículo. Ele está interagindo nos processos de desenvolvimento que estão em progressos em cada um de seus alunos. Desta forma, sua ação têm

inúmeras conseqüências que são visíveis nem imediatamente tangíveis, extrapolando a mera transmissão e recepção de informações. \9 1997, p.66)

É preciso que o professor oportunize à criança situações que possibilitem aprender a ser, a formar-se, a criar, a participar e a transformar-se, a si ao ambiente, ao contexto onde ele vive. É a sua curiosidade que a leva a explorar o mundo que a rodeia e que ela pretende dominar com seu conhecimento e habilidades, no seu ritmo próprio, dentro de suas capacidades.

As rápidas mudanças sociais e o aprimoramento cada vez maior e mais rápido da tecnologia impede que se faça uma previsão de que habilidades e conceitos seriam úteis hoje para preparar o aluno para sua vida futura. Não afirmase que não se trabalhe o que está definido nos planos de estudos, mas sim que paralelos a estes conteúdos precisamos planejar de maneira que atenda a necessidade do aluno que está incluído e que precisa receber um ensinamento que realmente consiga construir conhecimento, enfatizando o espírito explorador, a criatividade, a independência e principalmente, preparar o aluno para ter iniciativa e determinação para enfrentar situações novas. Antunes fala que:

Jamais pense em usar jogos pedagógicos sem um rigoroso planejamento, marcado por etapas muito nítidas e que efetivamente acompanhem o progresso dos alunos e jamais avalie sua qualidade de professor pela quantidade de jogos que emprega, e sim pela qualidade dos jogos que se procurou em pesquisar e selecionar. (1999, p.37)

O uso de jogos e curiosidades no ensino para alunos com déficit cognitivo têm o objetivo de fazer com que eles gostem de aprender, mudando a rotina da classe e despertando o interesse do aluno envolvido. A aprendizagem através de jogos permite que os alunos incluídos participem do processo de ensino de maneira interessante e até divertida. A inclusão do jogo no processo de ensino apresenta três aspectos que justificam a incorporação dos mesmos que são : o caráter lúdico, o desenvolvimento de técnicas intelectuais e a formação de relações sociais.

Deve-se usar jogos não só como instrumento recreativo na aprendizagem, mas como facilitadores, colaborando para trabalhar os bloqueios que os alunos apresentam em relação a certas dificuldades em determinados conteúdos. Por meio das atividades lúdicas a criança convive com diferentes sentimentos de sua realidade interior, e aos poucos aprende a se conhecer e aceitar a existência dos outros.

Cabe ao educador procurar identificar as características individuais dos alunos, considerando um dos grandes desafios do dia-a-dia na sala de aula, porém condição indispensável para que o ato de ensinar seja eficaz, pois os conteúdos só têm sentido quando estão ligados ao interesse dos alunos. Criar momentos para que todos se expressem livremente podendo assim avaliar as habilidades potenciais de cada um, mostrar que o educador se importa com o progresso de cada um, respeitando-o é o perfil que ele deve ter para assumir uma turma com alunos incluídos.

Bautista afirma que:

(...) o indivíduo que tem uma maior ou menor dificuldade em seguir o processo regular de aprendizagem e que por isso tem necessidades educativas especiais, ou seja, necessita de apoios e adaptações curriculares que lhe permitam seguir o processo regular de ensino. (1997, p.211)

As salas de aula, os professores e os alunos são únicas. Uma prática que serve para uma sala de aula não necessariamente servirá para outra. Isto se dá porque o grande número de diversidades da natureza, dos interesses e das necessidades de aprendizagem de cada indivíduo, particularmente em uma sala de aula inclusiva, onde todos os alunos, independente das diferenças participam do processo de aprendizagem. Ao professor cabe o desafio de fornecer informações através de técnicas e recursos variados de maneira que os alunos tenham oportunidades e motivações para efetivarem a aprendizagem, não desprezando a interação entre eles, confrontando as diferentes capacidades cognitivas entre aluno/aluno e aluno/professor facilitando a problematização das situações e socializando os conhecimentos.

A inclusão reforça a ideia de que é preciso que as escolas adotem uma pedagogia centrada na criança e que as diferenças sejam aceitas e respeitadas, baseadas no esforço de todos os profissionais da educação na busca pelo aprimoramento da prática educativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto no primeiro ano quanto no segundo ano, a meta principal é satisfazer as necessidades específicas de aprendizagem de cada criança, incentivando-a a aprender e a desenvolver seu potencial, a partir de sua realidade particular. Isso requer, por parte dos professores, maior sensibilidade e pensamento crítico a respeito de sua prática pedagógica, devendo esta ter como objetivo a autonomia intelectual, moral e social de seus aluno. Com base em todas as leituras realizadas é possível afirmar que, com a inserção do lúdico nos planejamentos diários, há possibilidade, através do prazer e da descontração, chegar-se a construção do conhecimento.

Para remover barreiras à aprendizagem, como exemplo a “solidão” em que trabalham os professores, é preciso sacudir as estruturas tradicionais sobre as quais nossas escolas estão assentadas, elas estimulam o culto pelos rituais de transmissão e rotulação dos alunos. É importante o alerta pelo trabalho em equipe, de modo que possa haver um espaço permanente para discutir o trabalho pedagógico, que passa a ser flexível, dotado de propostas que promovam a alegria em aprender.

Também a criatividade do professor somada a sua convicção de que a aprendizagem é possível para todos os alunos e de que ninguém pode estabelecer os limites do outro, certamente contribuirão para remover os obstáculos que tantos alunos têm enfrentado em seu processo de aprendizagem.

A sala de aula é um espaço de construção cotidiana, onde professores e alunos interagem mediados pelo conhecimento, espaço de desejo, de negociação ou resistência, a sala de aula revela nossos acertos e nossos erros. Aproveitar ao máximo as possibilidades desse espaço repleto de significados, transformando o discurso em praticas competentes, lúdicas e sensíveis, certamente assim o sucesso da construção do conhecimento será efetivado.

O importante é partir dos interesses e necessidades dos alunos em direção à ampliação de suas potencialidades. A observação e a reflexão do professor diante desse desempenho garantem a continuidade das ações educativas.

Acredito que a partir deste trabalho, muitos professores poderão utilizá-lo como ponto de partida para suas reflexões sobre práticas educativas lúdicas para alunos incluídos a ser desenvolvida em sala de aula, bem como surgirão novas posturas de aceitação a esse desafio, pelas possibilidades efetivas de construção do conhecimento e pelo prazer que ele proporciona.

5 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Jogos para estimulação das inteligências múltiplas**. 5.ed. Rio de Janeiro:Vozes,1999.

BAUTISTA, R.(org.)(1997). **Necessidades Educativas Especiais**. Lisboa: Dinalivro

COLL, Cezar; **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

CONSTANCE, Kamil; DEVRIES, Rheta. **Piaget para educação pré-escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

CRAIDY,Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Editoração Eletrônica, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Olgair Gomes. **Motivação em sala de aula**. São Paulo: In: Revista Nova Escola, 2000, p.35.

GADOTTI, Moacir. **O lúdico no desenvolvimento humano**. São Paulo: In: Revista Nova Escola, 2000, p.22.

LIBÂNEO,José Carlos. Adeus Professor,Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Copy Right, 1997.

LIMA, Elvira Souza. **Desenvolvimento e aprendizagem na escola**: aspectos culturais, neurológicos e psicológicos. São Paulo: Copy Right,1997.

MARQUES,L.P. **O professor de alunos com deficiência mental**: concepções e praticas pedagógicas. Juiz de Fora: Editora UFJF,2001.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar de deficientes mentais: que formação de professores.** In **Integração de pessoas com deficiência.** São Paulo, Memnon, 1997.

MAXIMILIANO, Menegolla; SANT'ANA, Ilga Martins. Por que planejar? Como planejar? 6.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1991

PERRENOUD, Philip. **Formando Professores Profissionais:** Quais estratégias? Quais competências? 2.ed. Porto Alegre: Artimed, 2001.

QUEIROZ, Tânia Dias. **Pedagogia de Projetos Interdisciplinares.** São Paulo: Rideel, 2001.

RODRIGUES, N.. **Por uma nova escola:** o transitório e o permanente da educação. São Paulo: Cortez, 1985.

SANTOS, Antonio. **Motivação é a chave para ensinar.** São Paulo: In: Revista Nova Escola, 2000, p.35

SILVEIRA, Adriane de Souza; VARGAS, Luciane Moreira. **Alfabetização:** espaços e desafios. Série Interinstitucional. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1993.

VASCONCELLOS, C. **O planejamento da atividade docente em sala de aula.** Revista ABC Educatio. Ano 6, nº. 51. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

6 ANEXOS

ANEXO 1:

Instrumento nº 01- Questionário

Questão 1- A formação é: () Magistério () Pedagogia () Outra

QUESTÃO 2- Qual o ano que você concluiu a sua formação?

QUESTÃO 3- Qual a metodologia utilizada em sala de aula?

QUESTÃO 4- O nº de alunos com déficit cognitivo é:

() 1 a 3

() 4 a 7

() 2 a 5

QUESTÃO 5- Oportuniza atividades lúdicas em suas aulas?

() sim () não () às vezes

QUESTÃO 6- Atende o aluno conforme a sua necessidade?

QUESTÃO 7- Promove trabalhos em grupo?

() sim

() não

() às vezes

QUESTÃO 8- Faça um breve relato de sua prática pedagógica em sala de aula:

para aprender ajudam os outros com explicações e orientações para realizarem as atividades.

QUESTÃO 9- Como você acredita que o aluno aprende?

ANEXO 2:

Instrumento nº 02- Ficha de Observação

1- Os alunos com déficit cognitivo são:

- novos na série
- repetem um ano na série
- repetem a mais de um ano na série

2- Participam das atividades propostas pela professora?

- sim
- não

3 - As atividades propostas pela professora são iguais para todos os alunos?

- sim
- não

4- Qual a atitude dos alunos com déficit cognitivo quando precisam realizar atividades padronizadas?

5- Qual a reação dos alunos quando são oportunizadas atividades lúdicas?

6- Relato breve sobre o dia a dia dos alunos com déficit cognitivo na sala de aula regular?